



RELATO DE UMA EX-APENADA

Jennyfer Figueira Consoli

Saber que o que vivi possa vir a modificar a visão do leitor desta revista, que fatalmente será o futuro defensor, julgador de casos como o meu, me fizeram avaliar cautelosamente que caminho tomar.

Sou Jennyfer Figueira Consoli, 33 anos, solteira, sentenciada a 8 anos e 2 meses pelo crime de tráfico de drogas.

Hoje nada lembra a vida que levava há exatos 5 anos. Cumprindo o livramento condicional posso me dedicar melhor ao sonho de retomar minha vida, estudar, trabalhar, ser mãe.

Executo a função de monitora de aulas do respeitado Projeto Transforme-se. Dividir o conhecimento que deu um novo rumo em minha vida só me motiva a persistir.

Diz a canção: "Não preciso provar nada pra ninguém". Comigo não, estou sempre precisando provar que mudei. Vou contar como foi:

Em 8 de novembro do ano de 2008, às 9 horas da manhã a casa caiu.

Ali, abordada pela polícia, avalei rapidamente quantos anos provavelmente passaria presa. Sabia o preço do meu erro e como isso seria cobrado. Eles sabiam quem eu era, me chamavam pelo nome. Não era um procedimento de rotina, eu vinha sendo investigada, não adiantava negar. Sou obrigada a admitir que a equipe designada para me prender, me tratou de maneira respeitosa. Sempre acreditei que receberia do próximo exatamente o que oferecesse. Deu certo.

Como estávamos em São José de Mipibu, fomos trazidos para Natal. Eu e meu namorado só nos entreolhávamos e eu tinha total consciência que tinha comprometido um inocente.

Muitas perguntas, muitas delas, jamais seriam respondidas.

Só queria encontrar uma maneira de livrá-lo de tudo aquilo. Não era justo.

Sei que pra justiça pouco importa os motivos que me levaram a cometer aquele crime. Deveria importar. Acredito que isso faria a justiça justa.

108 kg eram a minha bagagem e ele não tinha a menor idéia, era só um jovem rapaz encantado por uma mulher madura e misteriosa que dizia estar voltando de uma visita a família no Rio de Janeiro.

A verdade? A verdade era aquela ali, tão assustadoramente revelada pela ordem de prisão.

Na madrugada seguinte viria a acontecer uma mega operação em conjunto das polícias civil, militar e federal na comunidade onde morava. Aproximadamente 200 homens fizeram uma varredura em todas as casas, contabilizando, assim, aproximadamente 36 pessoas apreendidas. Tudo vinha a confirmar a imagem errada que a polícia tinha de mim. Queriam comprometer meus vizinhos com o erro que eu havia decidido cometer e com isso passei a ser suspeita de estar delatando-os. Sempre procuram um "bode expiatório" e nessa história parecia que seria eu.

Daí por diante fiquei sendo tratada como uma ameaça para os vizinhos agora presos e uma farça para a polícia já que não cooperava em minhas declarações. Assumir que aquela droga era minha era minha obrigação (me manteria viva) e eles queriam nomes.

Reportagens no noticiário popular local faziam da Operação Lord um circo e eu ali metida naquilo tudo.

O que minha família iria dizer? Eles jamais acreditariam que tudo isso só tinha uma motivação: ter "grana" pra voltar pra casa antes do Natal.

Visitas dos advogados, só dos advogados. Quem mais? Muitos interrogatórios, quase sempre em busca de contradições. Transferência para uma unidade mais segura foi necessário. Acreditavam que viriam me resgatar. Quem, pelo amor de Deus?

Perseguições, tratamento diferenciado, foi isso que enfrentei, sem contar com os devaneios da defesa em querer me convencer que seria beneficiada pelos excessos de prazo.

Aprender a conviver com pessoas tão diferentes de mim não foi fácil, rotulada de "patricinha fútil" por passar os dias dentro de uma rede na companhia dos meus livros foi inevitável.

Em 9 meses surge a primeira luz e lá vou eu enfrentar a juíza que naquele ano era responsável pelas maiores sentenças por tráfico da história da cidade.